

TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) NO ENSINO SUPERIOR: DESAFIOS DA INCLUSÃO AUTISTIC SPECTRUM DISORDER (ASD) IN HIGHER EDUCATION: CHALLENGES OF INCLUSION

ISSN: 2595-8704. DOI: 10.29327/2323543.25.1-2

Ada Marinho dos Santos ¹

RESUMO

INTRODUÇÃO: A educação superior para pessoas com transtorno do espectro do autismo (TEA) é um assunto que vem crescendo bastante, porém há poucas informações publicadas no Brasil que retratam essa experiência desse tipo de inclusão dentro das universidades. **OBJETIVO:** Identificar e analisar a produção científica brasileira sobre educação inclusiva de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no Ensino Superior. **METODOLOGIA:** O estudo foi baseado em uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa e cunho exploratório, que buscou descrever, à luz da literatura, preceitos da educação inclusiva de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no Ensino Superior. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Durante a coleta de dados e a seleção dos estudos mais relevantes foi ter uma percepção que mesmo diante de algumas deficiências, o estudante com TEA ingressa na universidade e tem o auxílio de diferentes apoios, entre eles alguns monitores que conseguem proporcionar um suporte importante no período do vestibular e pós vestibular, existem em sua maioria locais reservados para estudo e aplicação de provas, além de um tempo mais prolongado para fazer suas atividades acadêmicas. Entretanto, é lógico que em todo meio educacional existe a necessidade de formação de todos os professores docentes para atuarem de forma correta com alunos com TEA em suas diversas especificidades, ampliando e construindo conhecimentos em relação a todo o seu processo de ensino, aprendizagem e capacidade de se socializar com os demais. É de suma importância que as universidades de uma maneira geral se importem em organizar mais ações internas para que se transformem em políticas institucionais e garantir o direito desse alunado, dando continuidade ao processo de construção de uma base mais consistente em sua rede de apoio.

PALAVRAS-CHAVE: Inclusão. Autismo. Universidade. Transtorno do Espectro Autista (TEA).

ABSTRACT

INTRODUCTION: Higher education for people with autism spectrum disorder (ASD) is a subject that has been growing a lot, but there is little information published in Brazil that portrays this experience of this type of inclusion within universities. **OBJECTIVE:** To identify and analyze Brazilian scientific production on inclusive education for students with Autism Spectrum Disorder (ASD) in Higher Education. **METHODOLOGY:** The study was based on bibliographical research, with a qualitative and exploratory approach, which sought to describe, in the light of literature, precepts of environmental education and biosafety in the school environment. **FINAL CONSIDERATIONS:** During the data collection and selection of the most relevant studies, it was possible to have the perception that even in the face of some deficiencies, the student with ASD enters the university and has the help of different supports, including some monitors who are able to provide support important during the entrance exam and post-entrance exam period, there are mostly places reserved for studying and taking tests, as well as a longer period of time to carry out your academic activities. However, it is logical that in every educational environment there is a need to train all teachers to work correctly with students with ASD in their various specificities, expanding and building knowledge in relation to their entire teaching, learning and capacity process. to socialize with others. It is extremely important that universities in general care about organizing more internal actions so that they become institutional policies and guarantee the rights of these students, continuing the process of building a more consistent base in their support network.

KEYWORDS: Inclusion. Autism. University. Autism Spectrum Disorder (ASD).

¹ Enfermeira Plantonista do Núcleo Interno de Regulação de Leitos/NIR do Hospital Municipal de Açailândia/MA, Coordenadora do Núcleo de Segurança do Paciente do Hospital Regional de Açailândia/HRA. Professora de Ensino Superior IDOMED/FAMEAC, no curso de Medicina. Especialista em Saúde Pública, Saúde da Família e Educação para Saúde. Mestre em Educação para Saúde. Doutoranda em Ciências da Educação pela ACU - Absoulute Christian University. **E-MAIL:** adamarinhosantos@hotmail.com. **CURRÍCULO LATTES:** lattes.cnpq.br/8211936209132313

INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) tem relação direta com uma diversidade considerável de condições conhecidas por algum grau de comprometimento e que influenciam no comportamento social, na comunicação e na linguagem, e por uma gama estreita de interesses e atividades que são únicas para o indivíduo e realizadas de forma repetitiva (ALMEIDA, 2020).

Nesse sentido, existem diversas políticas públicas a própria Lei 13.146/15 e cotas de emprego em empresas, cotas de acesso à universidade, aquisição de veículos com a isenção do IPI, isenções ao pagamento do imposto de renda, entre outros programas que são conquistas significativas para pessoas para garantir o direito de igualdades de pessoas com deficiências podem-se observar alguns avanços, como por exemplo, para evitar qualquer forma de discriminação contra pessoas com deficiências, o Governo Brasileiro disponibiliza canais de comunicação com o cidadão, principalmente a ouvidoria nacional de direitos humanos, canal através do qual as pessoas com deficiência podem denunciar qualquer tipo de abuso ou violação de seus direitos, para melhorar a vida dessas pessoas, garantindo os seus direitos (educação, saúde, trabalho, lazer, previdência social, amparo à infância e à maternidade, bem como outros que propiciem o bem-estar pessoal, social e econômico) como cidadão (ARMENARA, 2022).

No que concerne o ensino superior, a LBI (2015), declara no art. 28 e inciso XIII que o “acesso à educação superior [...] em igualdade de oportunidades e condições com as demais pessoas”; e no inciso XIV expõe a questão da “inclusão em conteúdos curriculares, em cursos de nível superior e de educação profissional técnica e tecnológica, de temas relacionados à pessoa com deficiência nos respectivos campos de conhecimento”.

Os instrumentos metodológicos do ensino abrem chances para ocorrer uma maior compreensão

sobre o planejamento do ensino e, a Educação de uma forma geral está inserida neste contexto (SILVA; MOREIRA, 2022).

Devido ao tardio reconhecimento do TEA dentro de uma política educacional, atualmente as informações oficiais estatísticas, sobretudo os dados do Censo da Educação Superior de 2017 (INEP, 2017), deixam claro que os estudantes com TEA estão ingressando na educação superior. Ao levar esses dados em consideração sobre este público acessando os cursos de graduação, é de suma importância ampliar estudos que tenham como foco a entrada deles e permanência na educação superior, sobretudo os desafios para inclusão desses estudantes.

A problemática do estudo foi discutir quais são os desafios da inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no Ensino Superior?

OBJETIVO

Identificar e analisar a produção científica brasileira sobre educação inclusiva de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no Ensino Superior.

METODOLOGIA

Este estudo foi baseado em uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa e cunho exploratório, que buscou descrever, à luz da literatura, preceitos da educação inclusiva de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no Ensino Superior.

A respeito dessa linhagem metodológica Gil (2010, p. 43) pontua “que a pesquisa bibliográfica é elaborada partindo com base em material já aplicado”. De acordo com Teixeira (2014), a pesquisa qualitativa manuseia os dados procurando a sua significação, havendo como base a compreensão do fenômeno dentro do seu ambiente. E por fim, a pesquisa exploratória, segundo Gil (2010) envolve levantamentos de bibliografias, entrevistas com componentes diretos do

assunto, bem como, a análise e compreensão do problema abordado.

Para tanto, utilizou-se como base para a pesquisa artigos científicos, livros, e outros trabalhos científicos que versassem sobre a temática abordada no presente estudo. A busca foi realizada nas seguintes bases informatizadas de artigos indexados: Scientific Eletronic Library On Line (SciELO) e Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Para a busca dos artigos científicos foram utilizados os seguintes descritores: Educação Inclusiva; Transtorno do Espectro Autista (TEA); Ensino Superior; Desafios.

Ao final da busca em banco de dados, foram selecionados artigos e trabalhos científicos publicados entre os anos de 2018 e 2022, na íntegra e em língua portuguesa, totalizando ao final da análise preliminar, 76 artigos pré-selecionados.

Posteriormente foi imprescindível uma segunda análise, com foco nos objetivos dos artigos selecionados, chegando-se a um total de 33 artigos, tendo em vista que 15 artigos foram descartados, pois não atendiam ao objetivo geral desta pesquisa. Por fim, chegou-se a um total de 8 artigos para análise e discussão da temática levantada.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O indivíduo com TEA, de acordo com o Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), caracteriza-se através de um desenvolvimento comprometido ou acentuadamente fora da normalidade em relação a inserção social e da comunicação e um repertório muito limitado de atividades e interesses. As manifestações do transtorno variam repentinamente, dependendo do nível de desenvolvimento e da idade cronológica.

Em função da especificidade dos TEA, a inclusão de alunos com esse diagnóstico acaba proporcionando

algumas discussões frequentes sobre alternativas possíveis de intervenção na escola. Nesse sentido, é de suma importância que o professor tenha conhecimento sobre as características de cada aluno com TEA para construir aulas que promovam a inclusão na turma. Esse processo precisa ter um apoio constante da escola, para que o professor não se sinta incapaz ou frustrado com o desenvolvimento do seu trabalho.

O termo “autismo” foi inicialmente usado na literatura científica no ano de 1911, e o pioneiro foi o psiquiatra suíço Eugen Bleuler, com o objetivo de descrever um dos sintomas da esquizofrenia, que era entendido como a perda do contato com a realidade e um modo de viver voltado com o foco em si mesmo (MARFINATI & ABRÃO, 2014). No ano de 1943, o psiquiatra austríaco Leo Kanner utilizou essa mesma palavra para descrever uma síndrome única, denominada por ele de “Distúrbio Autístico do Contato Afetivo” (OLIVEIRA, 2016). Tendo em vista que o objeto desse estudo é o autismo, assim é necessário a compreensão do que se trata o transtorno de Espectro Autista (TEA).

Alguns autores o veem como uma falha biológica no sistema neurológico que interfere, sobretudo, o desenvolvimento do controle motor e a sensibilidade do indivíduo, principalmente em relação as interações sociais (MARFINATI e ABRÃO, 2014). A dificuldade de atenção e de comunicação é um dos sintomas que mais acontecem. É possível perceber os sinais logo quando a criança está nos seus primeiros meses de vida, e isso facilita uma intervenção médica com o objetivo de melhorar o desenvolvimento da criança e conseqüentemente do adulto com TEA.

Na atualidade, no primeiro ano de vida, pode-se notar como sinais comuns perder as habilidades já adquiridas, não ter a sensibilidade a sons, ruídos e vozes no ambiente, não apresentar sorriso social, não ser uma pessoa que gosta de toque e etc. Sintomas estes que, quando não tratados podem dificultar qualquer interação futura com o indivíduo, não só na sua relação familiar, mas no social como um todo.

De acordo com o DSM-IV-TR, o Transtorno Autista (TA) se caracteriza por um quadro clínico em que prevalecem prejuízos na interação social, nos comportamentos não verbais (como contato visual, postura e expressão facial) e na comunicação (verbal e não verbal), podendo existir atraso ou mesmo ausência da linguagem. Pode haver, também, ecolalia e uso de linguagem estereotipada (KHOURY, 2014, p. 9).

Diante disso, o autismo funciona como um distúrbio do desenvolvimento que se caracteriza por alterações presentes começando em idade muito precoce, de forma bastante comum antes dos três anos de idade, com impacto múltiplo e variável em áreas nobres do desenvolvimento humano como as áreas de comunicação, interação social, aprendizado e capacidade de adaptação.

Conforme Camargo e Bosa (2009, p. 65), “o autismo se caracteriza pela presença de um desenvolvimento acentuado atípico na interação social e comunicação, assim como pelo repertório marcadamente restrito de atividades e interesses”.

O Transtorno do Espectro Autista caracteriza-se através dos déficits persistentes em dois domínios principais: na comunicação social e interação social; e no comportamento, por meio da presença de padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses e atividades.

Diante disso, tratando da interação social, os alunos com TEA podem apresentar:

Desde isolamento até dificuldades nos relacionamentos com outras pessoas, manifestadas na evitação do contato ocular, além de dificuldade em responder a estímulos sociais, como ao ser chamada pelo seu nome, por exemplo, o que inicialmente pode fazer com que sejam consideradas surdas. Além disso, pode haver um processamento facial atípico, que dificulta o entendimento das pistas que as pessoas oferecem durante o processo comunicativo, por meio de expressões faciais (REIS et al., 2016, p. 325).

No que diz respeito aos aspectos comportamentais, os alunos com TEA em boa parte das vezes apresentam estereotípias motoras, através de movimentos repetitivos com o corpo, como balanceios de cabeça e de mãos e girar em torno do próprio eixo.

Além disso, podem apresentar interesses obsessivos, como por exemplo, fazer coleção de objetos que não são comuns, que geralmente são utilizados para autoestimulação, além de manifestarem interesse por informações acerca de um tópico restrito e demonstrando ainda preferência por empilhar ou enfileirar brinquedos e outros objetos. Em geral, acabam sendo bem rigorosos no que se refere a rotinas, apresentando resistência a modificações no ambiente (BISPO; RODRIGUES E SANTOS, 2021).

Por fim, outra característica comum no TEA são as alterações sensoriais, manifestando-se na forma de hiporreatividade, hiper-reatividade e busca sensorial. A hipo e a hiper-reatividade estão relacionados, respectivamente, a um alto e a um baixo limiar sensorial, acarretando em responsividade reduzida ou excessiva a estímulos do ambiente. A busca sensorial é compreendida através do interesse incomum por certos aspectos sensoriais. Tais alterações podem envolver diferentes modalidades sensoriais, como visual, auditiva, olfativa, gustativa, somatossensorial, vestibular e proprioceptiva.

A presença do aluno com TEA na escola não é uma característica comum para já se engrandecer que é necessária uma melhora na qualidade de inclusão. Estar matriculado na escola não é um sinal imediato que o aluno está sendo incluído em seu ambiente e que suas necessidades de aprendizagem vão ser atendidas, é um caminho muito mais longo do que se imagina.

A aluno com TEA precisa antes de tudo passar por uma avaliação, ser analisada e estudada para que, por meio de suas particularidades, seja planejada uma inclusão efetiva e plena, sem preconceito, limitações e generalizações, mostrando a educação de qualidade não funciona somente para classes consideradas “normais”, mas para todos independentemente de qualquer fator e

da mesma forma que assegura a Constituição Federal. A inclusão necessita fazer parte de uma sociedade mais humana que busque esclarecer que existe uma beleza nas próprias diferenças (TERRA, 2017).

Para acontecer de fato a educação inclusiva é preciso conhecimento, mudança de práticas pedagógicas e um comportamento diante das demandas dos estudantes, em “uma escola inclusiva que propõem um modo de organização educacional que considera as necessidades de todos os alunos” (MANTOAN, 2006, p. 19). Nesse sentido, o professor precisa observar de forma atenta para passo do estudante, independente do laudo que foi passado a ele.

Para que possa conhecer e organizar sua prática de forma que alcance todos a escola precisa agir em conjunto com a família do aluno também, pois cada aluno apresenta características únicas, sócio cultural, psicológico e cognitivo as quais devem ser levadas em consideração para que o processo de inclusão tenha êxito. Faz-se ainda necessário conhecer as habilidades que os estudantes tem e como podem melhorar e se aperfeiçoar em outras que sentem mais dificuldades, motivando-os através das atividades que despertem seu interesse e desenvolva sua aprendizagem.

Segundo Oliveira (2016), os alunos com TEA precisam estar dentro do ambiente escolar e participarem de forma ativa de toda a programação que a instituição disponibilizar. Para isso, o currículo precisa receber algumas adaptações com o objetivo de proporcionar verdadeiramente a inclusão escolar. Essas adaptações precisam funcionar de uma maneira que o aluno com TEA sintam-se estimulada a querer participar das atividades em grupo e ter momentos de interações com os seus colegas.

Para Copetti, (2012, p. 20) “os profissionais inseridos na área devem estar preparados para receberem todos os alunos independentes das deficiências que possam ser apresentadas pelos alunos”. Os professores de uma forma geral tanto da esfera do ensino básico quanto do superior precisam ir em busca de conhecimento para

garantir que todos os alunos sejam incluídos nas aulas, não importa se forem autistas ou não (SILVA, 2020).

Entretanto, as ações para acesso e permanência são processos entrelaçados para as coordenações, todos precisam realizar apontamentos para ambas as situações sem se preocuparem onde estaria a maior procura. As palavras dos coordenadores são essenciais dentro de uma escola, principalmente sobre o ingresso dos estudantes com TEA na educação superior, pois além de tudo, é visto como direito que deve ser respeitado e assegurado, tendo por base o exercício das políticas educacionais (SANTOS, et al, 2020).

As universidades, por meio dos núcleos de acessibilidade, têm sido impulsionadas para a organização dos apoios solicitados pelos estudantes durante o processo seletivo, a organização das bancas de validação e os bolsistas/monitores como auxílios para a permanência dos estudantes, facilitando o acesso e permanência (OLIVEIRA; LEITE, 2022).

Em relação as barreiras e facilitadores dentro da educação superior, podem ser contempladas as seguintes:

Barreiras Pedagógicas: São aquelas evidenciadas na ação docente, nas práticas pedagógicas em sala de aula, na adequação do material didático, nas diferentes formas de acesso ao conteúdo ministrado pelos professores em sala de aula.

Barreiras Atitudinais: São aquelas oriundas das atitudes das pessoas diante da deficiência como consequência da falta de informação e do preconceito, o que acaba resultando em discriminação e mais preconceito.

Facilitadores da permanência: Ações institucionais, ações implementadas pelas universidades em prol dos estudantes com deficiência, os atendimentos diferenciados, os tipos de apoio. São caracterizados por ambientes favoráveis, espaços acessíveis, acesso ao conhecimento. Esses facilitadores permitem que os alunos desenvolvam mais atividades, e de forma melhor, participem mais da vida acadêmica da instituição e sintam-se realmente integrantes da comunidade universitária (CASTRO, 2011, p. 92-93).

Para Autism & Uni (2013), os estudantes autistas que recebem apoio adequado em tempo hábil acabam evoluindo bastante no ensino superior porque suas habilidades e conhecimentos são reconhecidos.

Segundo Dantas (2017, p. 47), “os serviços oferecidos pelas Instituições de Educação Superior precisam ter melhores qualidade e divulgação, [...] professores ser mais bem preparados e mais engajados no acolhimento desses alunos”. É de suma importância um monitoramento por parte dos órgãos responsáveis na atuação desses serviços, fazendo as leis serem efetivadas na prática, com o objetivo de atender o alunado com deficiência que busca por uma formação na Educação Superior (CANAL, 2021).

Nesse sentido, Ferrari (2016) apresenta algumas possibilidades concretas que promoveriam tal inclusão:

No Ensino Superior é possível adotar algumas estratégias que favorecem a inclusão do estudante autista: disponibilizar programação com antecedência e avisar o estudante sobre eventuais alterações de cronograma, apoio na socialização, dilatação de tempo na entrega de atividades, utilização de tecnologia assistiva no apoio a escrita, aulas com mais informações visuais, comunicação objetiva, não utilização de figuras de linguagem e eliminação de barreiras que causem desconforto sensorial (FERRARI, 2016. p. 5-6).

Diante disso, sejam quais forem as estratégias escolhidas, é vital que a universidade se reformule para acolher a diversidade de pessoas que têm direito de acesso à Educação Superior. Segundo Dantas (2017), a formação pedagógica do professor universitário no Brasil é um assunto que levanta diversas discussões, “[...] porque a universidade sempre teve autonomia, organização e hierarquia interna, não sendo questionada nem pela comunidade acadêmica nem pela sociedade” (DANTAS, 2017, p. 50). A diversidade, dessa forma, tensiona a forma com que a Educação Superior vem lidando com seu alunado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação inclusiva é um processo de ensino o qual está direcionada para proporcionar de maneira geral, o desenvolvimento do convívio social entre todos os alunos sem preconceitos, reconhecendo as diferenças, de modo que consigam desenvolver suas aptidões, já que os mesmos possuem necessidades diferentes, que precisam ser identificadas e respeitadas, possibilitando assim o aprendizado de todos.

Entretanto, não existe uma regra básica para que a inclusão escolar possa acontecer, existe uma mudança de atitude e de postura das pessoas para acatar a inclusão, como um passo muito importante, pois muito tem se falado que adaptações precisam ser feitas, currículo reestruturado, cursos de formação oferecidos aos professores, mas nada é válido se a isso não for incorporado o desejo de toda a equipe escolar em se comprometer e se dar as mãos para acolher a quem a escola procurar.

Durante a coleta de dados e a seleção dos estudos mais relevantes foi ter uma percepção que mesmo diante de algumas deficiências, o estudante com TEA ingressa na universidade e tem o auxílio de diferentes apoios, entre eles alguns monitores que conseguem proporcionar um suporte importante no período do vestibular e pós vestibular, existem em sua maioria locais reservados para estudo e aplicação de provas, além de um tempo mais prolongado para fazer suas atividades acadêmicas.

Entretanto, é lógico que em todo meio educacional existe a necessidade de formação de todos os docentes para atuarem de forma correta com alunos com TEA em suas diversas especificidades, ampliando e construindo conhecimentos em relação a todo o seu processo de ensino, aprendizagem e capacidade de se socializar com os demais.

Por fim, conclui-se que é de suma importância que as universidades de uma maneira geral se importem em organizar mais ações internas para que se

transformem em políticas institucionais e garantir o direito desse alunado, dando continuidade ao processo de construção de uma base mais consistente em sua rede de apoio.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, PRISCILLA REGINA BARBOSA DE. **Inclusão no ensino superior: percepções de uma estudante com Transtorno do Espectro do Autismo em Universidade Pública Paraibana**. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). João Pessoa, 2020.
- ARMENARA, VALDIRENE APARECIDA. **Ferramentas de apoio ao professor de ensino superior sobre o estudante com TEA: manual e comunidade virtual de aprendizagem**. Dissertação. São José dos Campos – SP Outubro/2022.
- AUTISM & UNI. **Best practice for professionals supporting autistic students within or outside HE Institutions**. UK: Autism&Uni,2013. Disponível em:<https://goo.gl/pPrLS>. Acesso em: 15 set. 2019.
- BISPO, MATHEUS LUAMM SANTOS FORMIGA; RODRIGUES, OSANA PEREIRA SOUZA; SANTOS, SAMANTA SOUZA. **O lúdico na aprendizagem do aluno autista na educação infantil**. SIMEDUC 24 a 26 de março de 2021.
- BRASIL. Lei nº 13.146. **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 04/12/2023.
- CAMARGO, PIMENTEL HÖHER; BOSA, CLEONICE ALVES. **Competência social, inclusão escolar e autismo: revisão crítica da literatura**. Psicologia & Sociedade, v. 21, n. 1, p. 65-74, 2009.
- CANAL, SANDRA. **A inclusão do estudante com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na Educação Superior**. Dissertação. Porto Alegre, 2021.
- CASTRO, S. F. **Ingresso e permanência de alunos com deficiência em universidades públicas brasileiras**. 278 f. Tese (Doutorado em Educação Especial) – Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2011.
- COPETTI, J. R. (2012). **A Educação Física escolar e o autismo: um relato de experiência no Instituto Municipal de Ensino Assis Brasil (IMEAB) no Município de Ijuí (RS)**. [Trabalho de Conclusão de Curso em Educação Física Licenciatura. Ijuí: Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul].
- DANTAS, NOZÂNGELA MARIA ROLIM. **A inclusão dos estudantes com deficiência no Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande: desafios e possibilidades**. 2017. 250 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.
- DELGADO, SALOMITE DOS SANTOS; TAVARES, LIVÂNIA BELTRÃO. **O TEA no ensino superior: conhecimento dos docentes de uma IES Paraibana**. Revista Educação Inclusiva. Edição Contínua - Volume 7, Número 2. 2022
- FERRARI, JULIANA BARBOSA. **Inclusão de um estudante autista no ensino superior, um relato de experiência na UFPR Litoral**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL (CBEE), 7., 2006, São Carlos. Anais eletrônicos [...] Campinas: Galoá, 2016.
- GIL, ANTONIO CARLOS. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Microdados do censo da Educação Superior 2017: Manual do Usuário**. Brasília: Inep 2018.
- KHOURY, LAIS PEREIRA. **Manejo comportamental de crianças com Transtornos do Espectro do Autismo em condição de inclusão escolar**. São Paulo, 2014, p. 6; 9; 15.
- MANTOAN, M. T. E. **Inclusão: o que é? Por quê? Como fazer?** 2ed. São Paulo: Moderna, 2006.
- MARFINATI, A. C. & ABRÃO, J. L. F. (2014). **Um percurso pela psiquiatria infantil: dos antecedentes históricos à origem do conceito de autismo**. Estilos da Clínica, 19(2), 244-262.
- OLIVEIRA, M. L. S. **Formação docente e inclusão de alunos com transtorno do espectro autista: Algumas Reflexões**. Trabalho de conclusão de curso. Licenciatura em Pedagogia. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa. 2016.
- OLIVEIRA, ANA CAROLINE DOS SANTOS; LEITE, DANIELA SOARES. **Inclusão de Estudantes com Transtorno do Espectro Autista na Educação Especial: uma revisão integrativa**. Scielo. Submetido em 19.07.2022.
- REIS, H. I. S., PEREIRA, A. P. S., & ALMEIDA, L. S. (2016). **Características e especificidades da comunicação social na perturbação do espectro do autismo**. Revista Brasileira de Educação Especial, 22(3), 325-336.
- SANTOS, WELLINGTON FARIAS DOS, ET AL. **A Inclusão da Pessoa com Autismo no Ensino Superior**. revista entreideias, Salvador, v. 9, n. 3, p. 5-66, set./dez. 2020.

SILVA, SOLANGE CRISTINA DA. **Acessibilidade para estudantes com Transtorno do Espectro Autista no ensino superior.** Tese. Florianópolis, 2020.

SILVA, VANESSA CAROLINE; MOREIRA, LAURA CERETTA. **O estudante com Transtorno do Espectro Autista nas universidades brasileiras.** Revista Educação Especial. V. 35. 2022.

SILVA, SOLANGE CRISTINA DA, et al. **Estudantes com Transtorno do Espectro Autista no Ensino Superior: analisando dados do INEP.** Psicologia Escolar e Educacional. 2020, v. 24.

TEIXEIRA, ELIZABETH. **As três metodologias: acadêmica, da ciência e da pesquisa.** 8ª Edição. Editora Vozes: São Paulo, 2014.

TERRA, R. O. **A escola, o autismo e a inclusão: uma revisão bibliográfica.** 2017. Disponível em: <http://www.ufjf.br/pedagogia/files/2017/12/A-Escola-o-autismo-e-a-inclus%C3%A3oUma-revis%C3%A3o-bibliogr%C3%A1fica.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2023.